

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| E82 | <p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO | |
| Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921111 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE | |
| Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921112 | |
| CAPÍTULO 3 | 28 |
| O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018 | |
| Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921113 | |
| CAPÍTULO 4 | 40 |
| OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL | |
| Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921115 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL | |
| Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921116 | |
| CAPÍTULO 6 | 64 |
| POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO | |
| Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921117 | |
| CAPÍTULO 7 | 74 |
| PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE | |
| Danielle Andrade Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921118 | |

CAPÍTULO 8 87

OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS

Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Alexandra Soares dos Santos
José Euclimar Xavier de Menezes
Marcos Moura Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.9011921119

CAPÍTULO 9 96

RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos
Mary Alves Mendes

DOI 10.22533/at.ed.9011921110

CAPÍTULO 10 108

REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Renato Santos de Oliveira
Ingrid de Souza Silva
Tatiane Pina Santos Linhares
Tatiana Tarrão dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9011921111

CAPÍTULO 11 119

“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA

Alexandra Soares dos Santos
Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Sueli Jesus Santana
Mônica Coutinho Cerqueira Lima

DOI 10.22533/at.ed.9011921112

CAPÍTULO 12 127

SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014

Débora Juliene Pereira Lima
Ana Márcia Rodrigues da Silva
Edna Raimunda Teodoro

DOI 10.22533/at.ed.9011921113

CAPÍTULO 13 138

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

DOI 10.22533/at.ed.9011921114

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 14 | 148 |
| TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO | |
| Fernanda Andrade Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.90119211115 | |
| CAPÍTULO 15 | 158 |
| TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS | |
| Gabriela Bothrel Echeveria | |
| Vivianny Kelly Galvão | |
| Verônica Teixeira Marques | |
| DOI 10.22533/at.ed.90119211116 | |
| CAPÍTULO 16 | 169 |
| VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAICYRA FALCÃO E ELZA SOARES | |
| Régia Mabel da Silva Freitas | |
| DOI 10.22533/at.ed.90119211117 | |
| CAPÍTULO 17 | 178 |
| UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA | |
| Lais Alves Porto | |
| DOI 10.22533/at.ed.90119211118 | |
| CAPÍTULO 18 | 184 |
| MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE) | |
| Itanamara Guedes Cavalcante | |
| Maria do Carmo Santos Lopes | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921111819 | |
| CAPÍTULO 19 | 196 |
| SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA | |
| Divanise Suruagy Correia | |
| João Klíno Cavalcante | |
| Laura Marques Angelo Neto | |
| Maria das Graças Monte Mello Taveira | |
| Viviane Maria Cavalcante Tavares | |
| Sandra Lopes Cavalcanti | |
| DOI 10.22533/at.ed.9011921111820 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 207 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 208 |

PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE

Danielle Andrade Souza

Universidade Federal de Campina Grande,
Paraíba

danielle.pp@hotmail.com

BRAZILIAN MIDWIVES AND DOULAS: AUTONOMY AND FEMINIST ARTICULATIONS IN NETWORK

RESUMO: Sob a ótica da atuação de parteiras e de doulas, esse estudo procurou, no contexto do ativismo virtual, relacionar o fenômeno do ‘parto ativo’ e o ciberativismo nos meios digitais. A questão que norteou a pesquisa foi, de que maneira dois grupos de mulheres (parteiras e doulas) acionam as demandas ciberativistas sobre a causa do parto ativo no Brasil, notadamente no terreno das redes sociais? Os resultados apontaram que, na medida em que, parteiras e doulas se propõem à missão de ‘servir’, ressignificam a sua forma de existir nas redes sociais/digitais, e ainda, conseguem promover um arranjo participativo que as auxilia num contexto de organização política, não só enquanto categoria de gênero como enquanto categoria profissional.

PALAVRAS-CHAVE: parteiras e doulas brasileiras; redes sociais digitais, ciberativismo.

ABSTRACT: From the perspective of midwives and doulas, this study sought, in the context of virtual activism, to relate the phenomenon of ‘active childbirth’ and cyberactivism in digital media. The question that guided the research was how two groups of women (midwives and doulas) trigger the cyberactivist demands on the cause of active childbirth in Brazil, especially in the field of social networks? The results pointed out that, as midwives and doulas propose to the mission of ‘serving’, they redefine their way of existing in social / digital networks, and also promote a participatory arrangement that helps them in a context of political organization. , not only as a gender category but as a professional category.

KEYWORDS: brazilian midwives and doulas; digital social networks, cyberactivism.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a crítica à assistência ao parto começou a partir de algumas abordagens que se traduziram em várias perspectivas. De acordo com Diniz (2005), a primeira abordagem para o movimento foi o parto sem

dor na Europa¹; depois, o parto sem medo; posteriormente, o parto sem violência; e, mais recentemente, o parto natural, advindo do movimento *hippie* e da contracultura.

A idéia de humanização entrou no Brasil junto com a contracultura *hippie*, mas foi a partir da criação do Rehuna (rede de humanização do parto e nascimento) na cidade de Campinas, no ano de 1993, que esse movimento tomou mais força.

O grupo fundador tinha grande influência feminista e conclamava as mulheres a um papel ativo frente ao nascimento do filho, denunciando a desapropriação da identidade feminina, a medicalização e a desconsideração da parturiente como um sujeito de direitos. O parto se transformou numa linha de montagem que colocava o bem estar da família em segundo plano, privilegiando interesses comerciais. Do ponto de vista da estratégia de atuação é da REHUNA, o mérito de ter buscado a então nascente medicina baseada em evidências como referência técnica para a sua defesa de idéias, caminho que se mostrou muito produtivo no decorrer dos anos. (Marques, 2013: 26).

A humanização do nascimento, por sua vez, é um movimento gestado a partir dos questionamentos sobre a sexualidade surgidos em meados do Século XX. De acordo com Balaskas (2015, p. 13), “apesar de os trabalhos de Grantly Dick-Read terem sido produzidos nos anos 1940, e de Robert Bradley ter começado seu trabalho de desmedicalização do parto e inserção do parceiro no ambiente de nascimento nos anos 50, foi depois da publicação de *Birth Without Violence*, de Frédérik Leboyer, que a discussão sobre uma nova abordagem do parto tomou um forte impulso”.

O movimento Feminista conceitua o termo humanização² como

[...] uma atenção que reconhece os direitos fundamentais de mães e crianças, além do direito à tecnologia apropriada, baseada na evidência científica. Isso inclui: o direito à escolha do local, pessoas e formas de assistência no parto; a preservação da integridade corporal de mães e crianças; o respeito ao parto como experiência altamente pessoal, sexual e familiar; a assistência à saúde e o apoio emocional, social e material no ciclo gravídico-puerperal; e a proteção contra abuso e negligência.

Inúmeros profissionais (obstetras, pediatras, enfermeiras, parteiras, doulas) foram agregando-se ao movimento de humanização, em torno de uma série de reivindicações que hoje estruturam o ideário do movimento. Curiosamente o Brasil³

1.. Uma das militantes que levantou essa bandeira, inclusive, hoje uma das mais respeitadas do mundo, foi Janet Balaskas, uma educadora perinatal sul-africana que idealizou juntamente com outras ativistas, um dos maiores movimentos que contribuíram para mudar a história do parto e da obstetrícia na Europa. Hoje ela tem vários livros publicados. O mais recente chama-se Parto Ativo (2015), que já está na terceira edição publicada no Brasil. Ela liderou o movimento organizado de mulheres que denunciou e aboliu práticas obsoletas e agressivas na assistência obstétrica da Inglaterra. Nesse país, a forma mais comum de se referir à humanização do nascimento é chamando-o de ‘Parto Ativo’

2. Rede Feministas de Saúde. Dossiê – Humanização do Parto. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.re-desau.de.org.br/home/conteudo/biblioteca/biblioteca/dossies-da-rede-feminista/015.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2017, p. 14.

3. Parafrazeando Darcy Ribeiro, em seu livro O Povo Brasileiro (1995), afirma que existem “Ilhas-Brasil” ou cinco brasis. São eles: “a) o Brasil da cultura sertaneja do nordeste e do centro, baseada na produção do couro e do gado; b) o Brasil da cultura crioula do litoral, baseada nos engenhos de açúcar; 3) o Brasil da cultura cabocla da Amazônia, baseada nos seringais, na coleta de drogas da mata e na pesca dos rios; 4) o Brasil caipira do sudeste e do centro, baseado na economia do café e da subsistência, nascida dos bandeirantes; e 5) o Brasil da cultura gaúcha das instâncias de gado e da cultura agrícola dos imigrantes, do sul do país, mais especificamente, os alemães e italianos”.

é hoje, um dos países com o maior número de parteiras leigas. De acordo com Pires (1989: 108), “desde que foi institucionalizado o curso de formação de parteiras agregado a escolas de Medicina, por intermédio da Lei de 3 de outubro de 1832, foram retiradas delas a autonomia e a vinculação à comunidade, transformando-as em auxiliares, subordinadas às regras emitidas pelas escolas médicas”. Conhecidas popularmente no País pelo nome de ‘parteiras leigas’, a maioria das parteiras são mulheres de referência em suas comunidades, representam lideranças dos grupos em que atuam, e de acordo com o Ministério da Saúde, geralmente são mais velhas e, embora não tenham formação acadêmica, dominam uma gama de técnicas e de conhecimentos sobre gestação, parto e pós-parto, que adquiriram pela tradição oral com mães, tias, avós ou madrinhas.

Neste cenário, o Movimento das doulas (inspirado pelo médico francês Michel Odent e outros) nos chama bastante à atenção, porque está crescendo e se multiplicando cada vez mais. Atualmente, só no Brasil, pelo Grupo de Apoio à Maternidade Ativa⁴ (GAMA), estão cadastradas, por causa de formações realizadas nessa organização, cerca de 800 doulas de várias regiões do País. Etimologicamente, a palavra *doula*, cuja pronúncia correta é “*dúla*”, vem do termo grego clássico “*dúli*”, que significa “escrava”. Desde a Antiguidade, essa palavra designa uma criada doméstica ou escrava. Ou seja, “doula” significa “mulher que serve”. Nos dias de hoje, aplica-se às mulheres que dão suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e depois do parto. As doulas são acompanhantes de parto que começaram a surgir no Brasil de forma mais organizada.

Em julho de 1997, no Hospital Sofia Feldman (HSF), em Belo Horizonte, foi desenvolvido o projeto ‘Doula Comunitária’. Mulheres voluntárias da comunidade formaram um grupo de 14 doulas para acompanharem as parturientes. Poucos meses depois da implantação, o projeto⁵ teve repercussão favorável na comunidade, foi divulgado na imprensa falada, na escrita e em eventos científicos e implantado em outros hospitais. Assim, a profissão de doula surgiu para preencher essa lacuna e vem oferecendo seus serviços de ajuda às mães, durante o parto, em todo o Brasil. Elas atuam como uma espécie de protetora das mulheres e, quando necessário, de seus companheiros. Sua presença também pode ajudar e apoiar as enfermeiras obstetras, as obstetrias e os médicos obstetras a atenderem a um número maior de partos naturais.

Sabemos que no ciberespaço, cada sujeito é um potencial produtor e reprodutor de informação, o que acontece quando se criam redes colaborativas de informação,

4. Esse é um grupo de capacitação que tem como missão promover uma atitude positiva, ativa e consciente em relação à maternidade e visa formar doulas (acompanhantes de parto) aptas a acompanharem parturientes em qualquer estágio do trabalho de parto, dando conforto físico, emocional, afetivo e psicológico e proporcionando à mulher uma experiência de parto o mais positiva possível.

5. Os próprios participantes do Hospital Sofia Feldman capacitaram as doulas, como já aconteceu em Betim e em Montes Claros. Depois que esse projeto foi implantado no Hospital Sofia Feldman, em média, 70% das mulheres são acompanhadas durante o trabalho de parto por familiares ou doulas. Ver <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/380>

por meio do compartilhamento de opiniões e de relatos pessoais que, em segundos, passam do caráter pessoal/individual para coletivo/comunitário.

Ocupações virtuais de *sites* de corporações ou governos, ações *hackers*, petições *on-line*, mobilização e coordenação de protestos através da utilização da internet, cobertura jornalística alternativa e digital, são alguns exemplos. Assim, a utilização de NTICs pelos movimentos sociais, vem “mudando a maneira pela qual os ativistas comunicam, colaboram e manifestam” (GARRETT, 2011, p. 2002). Embora esses processos recebam nomeações distintas, podem ser agrupados em torno do nome ciberativismo, entendido de forma ampla, como a utilização de NTICs por movimentos sociais e ativistas. (Alcântara, 2016: 315-316)

Portanto, no ciberespaço, a comunicação é interativa, contribui para o aparecimento de redes sociotécnicas participativas, que transcendem a simples interligação social, como ocorria na esfera das mídias tradicionais, e as redes sociais, entre todos os outros dispositivos via internet, são expressões que surgem para, cada vez mais, estruturar o universo da cibercultura. De acordo com Lemos (2010: 33), “o desenvolvimento do ciberespaço já suscitou novas práticas públicas. Nesse sentido, ressaltamos o portal da Rede pela Humanização do Parto e do Nascimento (ReHuNa) que agrega uma ampla população vinculada a causa.



Figura 1 – Site da Rede Brasileira pela Humanização do Parto e do Nascimento

O ReHuNa é uma organização da sociedade civil que vem atuando desde 1993 em forma de rede de associados em todo o Brasil. Seu principal objetivo é a divulgação de assistência e cuidados perinatais, além de procurar diminuir as intervenções desnecessárias e promover um cuidado ao processo de gravidez, parto, nascimento, amamentação, baseado na compreensão do processo natural e fisiológico. A ReHuNa opera apoiando, promovendo e reivindicando a prática do atendimento humanizado ao parto/nascimento em todas as suas etapas, a partir do protagonismo da mulher, da unidade mãe/bêbê, e da medicina baseada em evidências científicas. Essa missão vem sendo buscada na prática diária de pessoas, profissionais, grupos e entidades filiados à rede e preocupados (as) com a melhoria da qualidade de vida, o bem-estar e bem nascer.

As redes sociais funcionam como auxiliares, como ferramentas que protagonizam um dos atuais fundamentos do ciberespaço, e são aliadas aos trabalhos de ONGs, que consideram a internet como um espaço democrático de discussão, ampliação

e estudos de novos conceitos e opiniões dos mais diferentes grupos existentes na sociedade civil. Como já tratamos neste trabalho, as redes alteram o *status* técnico-científico do conhecimento comunicacional. O conceito de redes sociais tem raízes nas Ciências Sociais, com base em diferentes perspectivas, referenciadas a partir de experiências específicas (Scherer-Warren, 2005), que vão desde a Sociologia (redes sociais) até a Informática (redes de computadores). Uma reconfiguração se dá entre indivíduos, tecnologias digitais e território, características da ação social *em e nas* redes.

Uma rede de atores não se reduz a um único ator, mas é composta de elementos heterogêneos conectados – sejam eles humanos ou não-humanos. Por um lado, essa rede de atores deve ser diferenciada dos tradicionais atores da sociologia, que exclui qualquer componente não-humano. Por outro, não deve ser confundida com um elo que liga de modo previsível elementos estáveis e definidos perfeitamente, porque as entidades das quais ela é composta podem a qualquer instante redefinir sua identidade e suas relações, fornecendo elementos novos para o que Latour chama de “rede sociotécnica”. (Maia, 2011: 123)

Quando nos detemos a realizar a tarefa de elencar as características-padrão de desenvolvimento do que tecem as redes de auxílio a humanização do nascimento, buscamos parâmetros nos escritos de Castells (2017), onde por analogia pontua-se assim cada uma delas: a) seus movimentos são conectados em rede de múltiplas formas; b) ocupam o espaço urbano; c) evidenciam o espaço da autonomia como nova forma espacial; d) são atemporais; e) são espontâneas em sua origem, mas, geralmente, desencadeadas por uma centelha de indignação; f) são virais; g) o espaço da autonomia é o grande palco para a passagem da indignação à esperança; h) criam companheirismo; i) sua horizontalidade favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal; j) são profundamente autorreflexivas; k) não são violentas, em princípio; l) raramente são pragmáticos; m) voltados para a mudança dos valores da sociedade; n) são muito políticas, em um sentido fundamental.

O ‘parto humanizado’ é um movimento reflexivo que almeja reorganizar a conduta de atendimento ao parto a fim de promover um maior respeito aos direitos reprodutivos das mulheres e uma diminuição da morbi-mortalidade materna e neonatal. (Marques, 2017, p. 25)

Nesse sentido, cabe ressaltar a inteligência coletiva das redes ciberfeministas, em particular, no âmbito do movimento de humanização do nascimento no Brasil.

As redes ciberfeministas⁶ auxiliam, inclusive, na confecção do Plano de parto, que é um documento redigido durante a gestação e registrado no cartório, que contém, uma lista do que a mulher deseja e do que não deseja que aconteça durante o parto, incluindo as leis que dizem respeito à gestação, como, por exemplo a Lei 11.108/200531, que dispõe sobre o direito ao acompanhante

6. Amigas do Parto, a Rede pela Humanização do Parto e do Nascimento e o Despertar do Parto e o Nascer Sorriando são algumas das redes que estão presentes em páginas da web, em blogs e nas redes sociais, articulando ideias e pessoas, divulgando informações e atualizando-se constantemente, e estimulam atividades para mães, pais e bebês, como cursos, workshops, rodas de apoio e de conversa e estimulam a capacitação de parteiras tradicionais. (Oliveira e Pinto, 2016)

durante o procedimento, assim como normativas e portarias do Ministério da Saúde, a fim de efetivar os direitos da gestante. (Oliveira e Pinto, 2016: 395-396)

Portanto, as conexões⁷ em rede são estruturas livres e abertas, que podem expandir um universo virtual de forma ilimitada e criar uma sociedade com indivíduos que compartilham as mesmas ferramentas de comunicação. Essa estrutura social, baseada em conexões em rede, é considerada totalmente dinâmica e leva em conta as inovações e os novos modos de uso, um aliado ao seu desenvolvimento e à sua expansão, diferente de causar qualquer ameaça a sua existência.

O número de conexões, de alguma maneira, se torna uma espécie de índice de sucesso. Quando um grupo considerável de pessoas está acessando um determinado portal, por exemplo, há uma tendência de que seus conhecidos também se interessem por isso, aumentando de maneira exponencial a audiência a partir de conexões ramificadas, não horizontais. Isso ajuda a explicar, por exemplo, o crescimento rápido de virais: quanto mais uma informação é divulgada, maior será sua divulgação, em uma perspectiva circular. Quanto mais um livro é lido e comentado, mais será lido e comentado. (Martino, 2015: 80)

No contexto ciberfeminista, quando as redes se fortalecem, a participação política das mulheres é ampliada juntamente com a expansão do acesso às TICs⁸. A considerar que o ciberfeminismo nasceu como um fenômeno social e político e é um movimento recente, onde seus primeiros passos foram dados na terceira onda feminista (iniciada entre as décadas de 80 e 90) e que promove a ideia de que as TICs poderiam reconfigurar a sociedade.

METODOLOGIA

Por meio da Rede Brasileira de Humanização do Nascimento (ReHuNa), identificou-se num universo de 1099 sujeitos (entre parteiras e doulas), uma amostra de 211 respondentes. Para tanto, procurou-se construir o perfil sociodemográfico dos

7. Partindo do trabalho do pesquisador Albert-László Barabási, Martino (2015: 79) afirma que Barabási, “estudando a estrutura das conexões há pelo menos vinte anos, observou uma série de elementos constantes em vários tipos de redes, das ligações biológicas entre células até a arquitetura da internet e das redes sociais conectadas”. “Dentre essas constantes, uma das mais importantes diz respeito a uma persistente desigualdade entre os nós que compõem a rede. Ainda segundo Martino (2015: 80), o modelo de Barabási prevê a estruturação de boa parte de uma rede, seja biológica, comercial, afetiva ou digital, em torno de algumas conexões, aumentando consideravelmente sua importância”. “Esses nós (hubs) mais importantes agregam dados e informações cruciais e são os responsáveis, muitas vezes, por intermediar um número considerável de relações que não existiriam se não fosse por eles.”

8. A expressão “tecnologias da informação e comunicação” se refere ao papel da comunicação (seja por fios, cabos ou sem fio) na moderna tecnologia da informação. Entende-se que as TIC consistem de todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, o que inclui o hardware de computadores, rede, telemóveis, bem como todo software necessário. Em outras palavras, as TIC envolvem TI e quaisquer formas de transmissão de informações e correspondem a todas as tecnologias que interferem e nos processos informacionais e comunicativos dos seres. Também podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de hardware, software e telecomunicações, a automação e a comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica, de ensino e aprendizagem, entre outras. A expressão foi usada, pela primeira vez, em 1997, por Dennis Stevenson, do governo britânico, e promovida pela documentação do Novo Currículo Britânico em 2000.

sujeitos da pesquisa (o qual ainda não será apresentado neste texto⁹) e averiguar o movimento dessas mulheres articulado a ações ciberativistas.

Em termos metodológicos, a pesquisa de campo foi subsidiada pela abordagem quali-quantitativa, onde o principal instrumento de coleta de dados foi um questionário de 60 perguntas. Na interpretação dos dados, utilizou-se o SPSS, buscando uma correlação entre as variáveis quantitativas, e de forma complementar, usou-se o método da Análise de Conteúdo, em Bardin (1977). A seguir, vamos apresentar o resultado de apenas cinco variáveis que foram levantadas através das 60 questões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo assim, numa amostra de 211 respondentes, dos quais 166 foram de doulas, 9 foram de parteiras, e 36 preferiram não se identificar, buscamos identificar onde residiam as parteiras e doulas, acreditávamos que esse mapeamento não só nos auxiliaria na compreensão de onde elas estavam, mas principalmente, evidenciaria onde se dava mais acentuadamente a atuação delas.

Na tabela a seguir, é possível demonstrar detalhadamente, por cidade e região: 46 mulheres encontram-se na região sudeste, 28 no sul do país, 20 no nordeste, 13 no centro-oeste, e apenas 3, na região norte do país.

| Região | Estado | Cidade | Quantidade |
|--------------|--------------------|----------------------|------------|
| Norte | Amazonas | Manaus | 1 |
| Nordeste | Alagoas | Maceió | 2 |
| Nordeste | Bahia | Feira de Santana | 1 |
| | | Rio de Contas | 1 |
| | | Jacobina | 1 |
| | | Guanambi | 1 |
| Nordeste | Ceará | Fortaleza | 2 |
| | | Eusébio | 1 |
| | | Juazeiro do Norte | 1 |
| Centro Oeste | Distrito Federal | Brasília | 5 |
| Centro Oeste | Goiás | Goiânia | 1 |
| | | Trindade | 1 |
| Centro Oeste | Matogrosso | Rondonópolis | 1 |
| Centro Oeste | Mato Grosso do Sul | Campo Grande | 1 |
| | | Dourados | 2 |
| | | Aral Moreira | 1 |
| | | Fátima do Sul | 1 |
| Sudeste | Minas Gerais | Belo Horizonte | 10 |
| | | Contagem | 1 |
| | | Conselheiro Lafaiete | 1 |
| | | Ouro Preto | 1 |
| | | Juiz de Fora | 1 |

9. Em razão do pouco espaço que tínhamos aqui neste paper, optamos por divulgar este perfil, em outra oportunidade.

| | | | |
|----------|---------------------|-------------------------|----|
| | | Campanha | 1 |
| Nordeste | Paraíba | João Pessoa | 2 |
| | | Campina Grande | 3 |
| | | | |
| Sul | Paraná | Curitiba | 7 |
| | | Marechal Cândido Rondon | 2 |
| | | Cascavel | 2 |
| | | São José dos Pinhais | 3 |
| Nordeste | Pernambuco | Recife | 3 |
| | | São Caetano | 1 |
| Nordeste | Piauí | Teresina | 1 |
| Nordeste | Sergipe | São Cristóvão | 1 |
| Sudeste | Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | 16 |
| | | Búzios | 1 |
| | | Arraial do Cabo | 1 |
| Nordeste | Rio Grande do Norte | Natal | 4 |
| Sul | Rio Grande do Sul | Canoas | 2 |
| Norte | Rondônia | Porto Velho | 1 |
| Sul | Santa Catarina | Florianópolis | 5 |
| | | Blumenau | 2 |
| | | Joinville | 2 |
| | | Brusque | 1 |
| | | Criciúma | 1 |
| | | Guarda do Embau | 1 |
| Sudeste | São Paulo | São Paulo | 6 |
| | | Pirassununga | 1 |
| | | Presidente Prudente | 1 |
| | | Sorocaba | 1 |
| | | Santos | 1 |
| | | Indaiatuba | 1 |
| | | São Carlos | 1 |
| | | São Bernardo do Campo | 1 |
| | | Porto Ferreira | 1 |
| Norte | Tocantins | Palmas | 1 |

Tabela 1 – Localidades onde há parteira e/ou doula

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Com esse mapeamento, entendemos ser, o ciberespaço, um lócus da existência destes grupos. Hoje, ele representa o “habitat” desta (s) rede (s) feminista (s), tal como trata Castells (2000, p. 40) “a cibercultura é o processo pelo qual atores sociais conscientes de múltiplas origens oferecem aos outros seus recursos e crenças, esperando receber o mesmo em troca e mesmo mais: compartilhar um mundo diversificado e, assim, pôr fim ao medo que o outro sempre inspirou”. Para tanto, abaixo o gráfico demonstra que 94,3% dos respondentes usam a internet como uma ferramenta de apoio à causa do parto ativo; e apenas 5,7% afirmaram que não. Aqui predominam usuários da internet que têm o objetivo de apoiar a causa do parto ativo no Brasil.

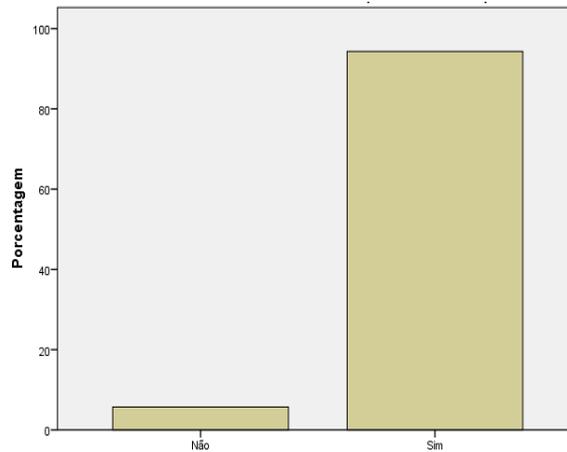


Gráfico 1 – Uso da internet como ferramenta de apoio à causa do parto ativo

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Essa dinâmica é inclusive referenciada no livro de Janete Balaskas, pela tradutora e doula, representante no Brasil da educadora, Talia Gevaerd de Souza. No texto do livro, ela relata que a internet é o grande espaço para aproveitar e articular as estratégias de divulgação da bandeira do movimento da causa.

Já de acordo com o gráfico a seguir, 98,6% dos respondentes afirmaram que é possível mudar comportamentos e mentalidades com o compartilhamento de informações nas redes sociais, e apenas 1,4% não acreditam que isso é possível.

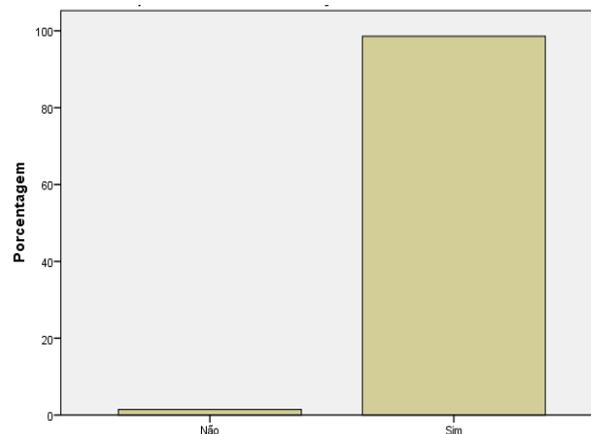


Gráfico 2 – Crença na possibilidade de transformar comportamentos e mentalidades por meio do compartilhamento de informações nas redes sociais

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Os sujeitos são produtores e reprodutores de informação, e portanto, informação e comunicação acabam por serem palavras-chaves para que se evite muitos problemas. As pessoas engajadas na causa divulgam amplamente um documento¹⁰

10. Esse documento, garantido pela legislação brasileira, é feito em conjunto com o obstetra (ou pré-natalista nas Unidades Básicas de Saúde) e precisa ser assinado pelo médico e pela gestante. Diversas UBSs, assim como médicos e hospitais particulares, têm o plano de parto já impresso, e a gestante apenas assinala o que deseja. Mas não é necessário haver um modelo pronto ou único de plano de parto para que sua vontade seja expressa - você pode escrever o próprio plano.

que deve ser redigido especialmente para e pela mulher grávida, denominado de ‘plano de parto’¹¹, compartilham pelas redes sociais, e falam a respeito da necessidade de se produzir o plano de parto. Também encontramos instituições que fazem esse trabalho de orientação, demonstrando como se organizam as informações em torno desse documento e orientando/ensinando “como fazer”, do ponto de vista prático e legal. É o caso do modelo disponibilizado pela empresa ‘Despertar do Parto’¹². A democratização do conhecimento e da prática da cidadania na internet modificou o papel de simples utilizador (consumidor/receptor de informação) para o de indivíduo/cidadão com potencial e capacidade de produzir conteúdos.

Sabemos que as pessoas vivem, na maior parte do tempo, “presas” às redes sociais; portanto não foi muito difícil deduzir, tampouco causou tanta surpresa, a confirmação de que a maioria estivesse habitando firmemente esse universo virtualizado. Afinal, de acordo com o gráfico abaixo, 82% dos respondentes dedicam seu tempo às redes sociais em prol da causa do parto ativo e 18% não o fazem.

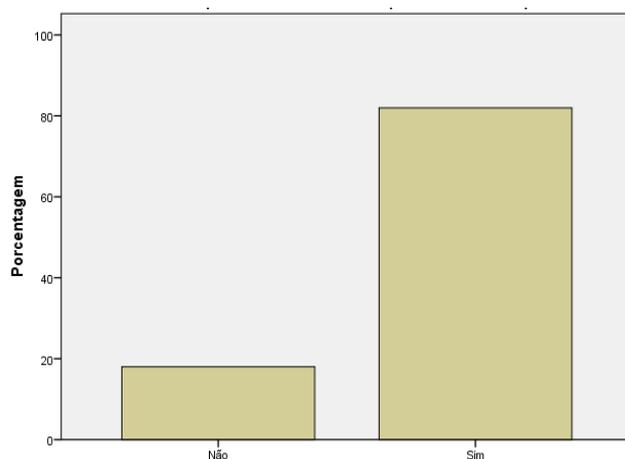


Gráfico 3 – Tempo de dedicação às redes sociais em prol da causa do parto ativo

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Porém o fato de mais de 80% afirmarem que dedicam seu tempo, nas redes sociais, à causa do parto ativo, não garante apenas a afirmação de que estejam lá, mas sim que, possam estar praticando ativismo *on line* nas redes sociais. Supomos que há uma intencionalidade significativa acerca das estratégias de convencimento. Porém, para afirmar a efetiva existência da cibern militância, em prol de um objetivo maior que levanta a bandeira da causa, necessitaríamos de perceber o que se publica e como se publica nas redes sociais, o que não foi possível realizar neste

11. De acordo com o portal educativo, denominado de Baby Center, o plano de parto é um documento em que a gestante deixa registrado por escrito o que deseja em relação às etapas do trabalho de parto, aos procedimentos médicos e aos cuidados com o recém-nascido no pós-parto. Ele permite que a futura mãe opine sobre o que julga ser melhor para seu corpo e para seu bebê. Parece se tratar de uma ferramenta que ajuda a parturiente e o médico a conversarem sobre os procedimentos que serão ou não realizados durante o nascimento do bebê, e as redes sociais poderiam servir de promotoras dessa informação, tão importante para os atores, bem como para reforçar e publicizar em prol da própria causa.

12. Ver <http://www.despertardoparto.com.br/modelo-de-plano-de-parto.html>

primeiro momento de pesquisa.

Dando prosseguimento, de acordo com o próximo gráfico, 80,1% dos respondentes afirmam que já deram instruções a mulheres pela internet sobre como deveriam parir ativa e naturalmente; enquanto 19,9% disseram que não fizeram isso.

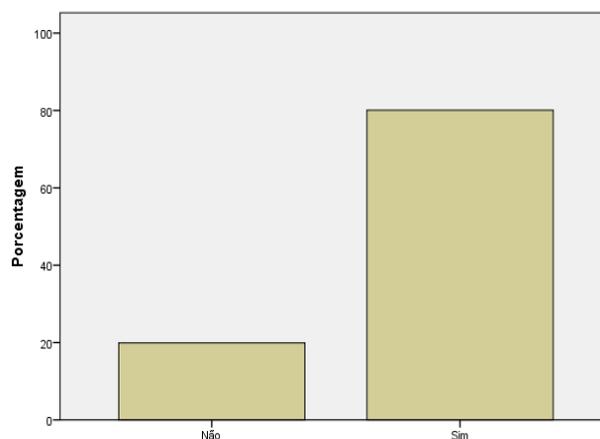


Gráfico 4 – Sobre terem dado instruções a mulheres pela internet de como deveriam parir ativa e naturalmente

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

No que se refere à aferição da expectativa do grupo sobre a real opção pelo modelo de assistência ao parto ativo, quase que predominante, o/s grupo/s acreditam na potencialidade das mulheres. Podemos deduzir que esperam não só uma espécie de mudança de comportamento ou mentalidade, mas também uma postura de conscientização em relação ao contexto sociocultural que vivem hoje no país, além de efetivamente “comprarem” a (s) ideologia (s) que permeiam a causa.

Por fim, de acordo com o gráfico de número 5, 62,3% dos respondentes afirmaram que utilizam linguagem escrita nos canais nas redes sociais; apenas 27,5% utilizam linguagem visual, e somente 10% utilizam a linguagem audiovisual, vejamos:

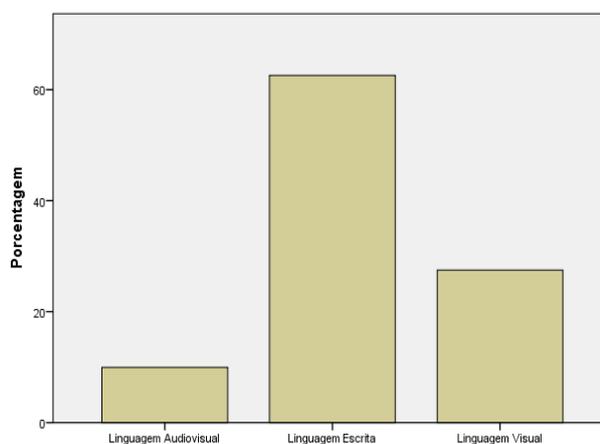


Gráfico 5 – Linguagem predominantemente utilizada nas redes sociais

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Assim, a linguagem escrita foi a que predominou no uso dos respondentes, para nossa surpresa, pois nossa suposição era a de que a linguagem do audiovisual seria a mais valorizada, em virtude de uma significativa quantidade de vídeos brasileiros produzidos e postados no Youtube, evidenciando momentos da hora do parto dentro do modelo de assistência ao parto ativo/ humanizado.

CONCLUSÕES

De maneira conclusiva, nossa análise aponta para uma maior expressividade do movimento de humanização, nos eixos sul e sudeste do país, onde as doulas, por sua vez, revelam-se cada vez mais protagonistas deste ‘ciber-cenário’, na medida em que, operam na produção de conteúdos levando a uma maior conscientização da importância de buscar ou mesmo se informar sobre o parto humanizado, a considerar por exemplo, a disseminação de informações pelo movimento, como a desmedicalização do parto, ou mesmo, a inserção do parceiro no ambiente de nascimento.

Os próprios meios tecnológicos e as posições de gênero instituídas até então, começaram a se modificar frente aos desafios da contemporaneidade e a participação das parteiras e doulas nesse contexto, revelou-se essencial, especialmente, na medida em que ao promover a circulação de informações, as trocas de experiências entre outras, as tornam cada vez mais informadas e conscientes sobre seus direitos, seus corpos e sua saúde, além de auxiliarem toda uma população ou comunidade, a se tornarem também.

REFERÊNCIAS

BALASKAS, Janet. **Parto ativo**. São Paulo: Ed. Ground, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRAGOSO, Suely, et. al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre, Sulina, 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social - uma introdução à teoria do ator-rede**. Edufba-Edusc, Salvador, Ba-Bauru, SC, 2012.

LEMOS, André. **Cultura das redes**. Salvador, Edfba, 2003.

LEMOS, André e LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet – em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo, Paulus, 2010.

MARQUES, R. A. **Ciberativismo em defesa do parto humanizado e da descriminalização do aborto: as diferenças na defesa dos direitos reprodutivos**. Dissertação de Mestrado, Faculdade

de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais – linguagens, ambientes e redes**. 2ª Edição. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2015.

OLIVEIRA, Rafael Santos de & PINTO, Gabriela Rousane. **Mães de suas decisões: o papel do ciberfeminismo no empoderamento da mulher e na reivindicação de direitos relativos ao parto a partir do acesso à informação**. Revista da Universidade Católica de Brasília, 2016.

PIRES, Denise. **Hegemonia médica na Saúde e a Enfermagem**. São Paulo, Cortez, 1989.

Rede Feminista de Saúde. **Dossiê – Humanização do Parto**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.redesaude.org.br/home/conteudo/biblioteca/biblioteca/dossies-da-rede-feminista/015.pdf>>.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. 2ª ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

I

Inaicyra Falcão 169, 170, 172, 176

L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205

Políticas para as mulheres 11, 40
Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199
População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125
População “T” 158
Projeto ponto de cidadania 119, 120
Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

R

Redes sociais digitais 74
Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204
Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144
Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206
Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206
Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205
Saúde integral 181, 196, 200
Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137
Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207
Sindicalismo 148, 156

T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206
Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193